

## **À guisa de apresentação: relato introdutório e diagrama de relações insuspeitas entre a expressividade corpórea e a navegação na www**

As bases motivacionais que vieram a se reunir neste trabalho provêm, basicamente, de dois tipos de experiências vivenciais que inscrevem igualmente na ordem cotidiana da vida social e na ordem dos exercícios técnicos direcionados, ambos tomados de modo auto-reflexivo..

O primeiro deles, e efetivamente impulsionador da pesquisa, provém de uma sensibilidade aguçada para a expressividade corpórea na diversidade de nossas interações cotidianas; de um grande prazer em observar semelhanças e diferenças expressivas de atores em diferentes personagens; e de experiências pessoais em processos de formação e performances em artes cênicas.

O período definido por esse conjunto de experiências pode ser considerado como uma *etapa prospectiva desta pesquisa*, ou, como um *trabalho de campo envolvendo observação participante*, desenvolvido no Curso de Graduação em Artes Cênicas da UNI-Rio (Universidade do Rio de Janeiro) e em vários cursos livres. Essa observação participante proporcionou a socialização com o pensamento de encenadores e uma prática mais íntima com os exercícios para atores em processo de construção cênica de personagens desenvolvidos por um deles em especial. Nesse processo, muitas *reflexões sobre as estratégias disponíveis para desenvolver o trabalho cênico* envolvendo a *habilidade em expressar estados emocionais* foram se configurando e influenciando práticas *subseqüentes*.

As *técnicas de trabalho de campo*, às quais se somam *reflexões teóricas de âmbito antropológico*, devem-se a uma pesquisa de aperfeiçoamento financiada pelo CNPq e vinculada ao Departamento de Antropologia da UFF (Universidade Federal Fluminense), e encontram aliança com um *arcabouço teórico-filosófico* cuja aquisição se iniciou durante o Curso de Mestrado em Ciência da Arte na mesma universidade. Nesse período o foco de atenção se dirigiu para a

*participação da materialidade corpórea (incluindo-se aí o timbre vocal) de três diferentes cantores na materialidade da canção<sup>1</sup>.*

Posteriormente, os questionamentos produzidos pelas formações mencionadas conduziram a uma segunda prática de pesquisa, desta vez multidisciplinar e dedicada às contribuições contemporâneas sobre aspectos cognitivos, neurofisiológicos, sócio-culturais e filosóficos relacionados a um campo epistemologicamente indefinido para nós, o qual, ao final deste trabalho, nomeamos amplamente como *interações por meio da expressividade emocional corpórea*.

Esta última etapa do nosso extenso processo de busca de um arcabouço teórico capaz de construir um campo conceitual compatível com nossas experiências vivenciais resulta, então, neste trabalho que desde já mostra os rastros do *relato (auto-)etnográfico*, permeado por teorias não apenas antropológicas. Trata-se de um trabalho desenvolvido com financiamento da CAPES e vinculado ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, do centro de Ciências Humanas da PUC-Rio que, além de nos dar suporte para o risco do investimento em um efetivo *trabalho de procura do desconhecido*; viabilizou nosso acesso a *disciplinas externas ao nosso curso específico*; nos garantiu o *acesso ilimitado à pesquisa na www*. Este último aspecto terminou por implicar um redirecionamento da pesquisa, que passou a incluir uma atitude crítica do dispositivo, conduzindo-nos a informações que explicitaram relações insuspeitas entre o tema da expressividade corpórea e a navegação da www, a partir de uma vinculação histórica entre o desenvolvimento da teoria cibernética e o computador digital. Além disto, a PUC hospedou atividades desenvolvidas pelo IEC (Instituto de Estudos da Complexidade), que divulga uma linha de pensamento que pudemos vir a reconhecer também na teoria cibernética – o sistemismo – e, assim, colaborou para chegarmos à configuração do nosso diagrama teórico.

---

<sup>1</sup>MAY, S. *ECCE HOMO transitivo, “Mesmo que seja eu”*: performance e desconstrução de modelos de identidade na performance de Erasmo caros, Marina Lima e Ney Matogrosso. Niterói, 200?. Dissertação de Mestrado defendida como requisito parcial à obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, do Departamento de Artes – Instituto de Arte e Comunicação Social – Centro de Estudos Gerais, da Universidade Federal Fluminense.

Passamos a apresentas uma configuração esquemática da gradativa percepção do processo vivencial que relatamos a seguir, subdividido tematicamente.

1.a) dificuldade em operar sobre estados emocionais ou predisposições afetivas quando devia saber como provocá-los e que atitude assumir na construção de uma cena artística;

1.b) em contraponto, passei a observar mais acuradamente a variedade de estados emocionais e predisposições afetivas pelos quais passava facilmente durante interlocuções cotidianas; bem como a grande percepção que eu tinha das expressões dos outros, em interações comigo ou na minha presença, e os efeitos dessa expressividade sobre mim.

2.a) a facilidade em alcançar as informações que procurava para tirar dúvidas sobre assuntos bastante específicos utilizando alguns programas buscadores oferecidos pela www e, posteriormente, uma enciclopédia virtual.

2.b) em contraponto, crescia em igual proporção a dificuldade que encontrava em refazer os mesmos percursos, em resgatar as seqüências de associações que haviam me conduzido àquelas informações, o que gerava mais e mais informação, na medida em que enveredava por novos caminhos. E, mais ainda, me deparei com o fracasso absoluto na tentativa de encontrar um critério que me permitisse ordenar a informação retirada da rede e impressa em papel (preferível à tela, por permitir anotações). Enfim, eu não era capaz de ter uma estratégia para resgatar agilmente um pequeno extrato que eu mesma havia selecionado de um universo gigantesco, com bastante agilidade.

## 1.1

### **Relato de aproximação com o tema da expressividade corpórea**

Dentre as observações que pudemos desenvolver, quer nos parecer que as nossas reações corpóreas a ligeiras alterações emocionais que participam da maior parte das interações cotidianas; assim como de situações de construção artística de uma cena, ou em situações de apresentação cênica propriamente ditas, costumam passar desapercibidas, não comentadas verbalmente, não parecendo constituir um

valor significativo. Por vezes, no entanto, provocamos reações emocionais inesperadas em nossos interlocutores sem que saibamos porque.

No cotidiano, provavelmente, alguns dentre nós têm maior habilidade em observar, e mesmo em manter algum nível de controle sobre as próprias reações corpóreas do que outros. Mas, raras são as vezes em que temos a oportunidade de ouvir a opinião de terceiros sobre elas, ou mesmo declarações de nossos interlocutores sobre a expressividade quando ela é simplesmente adequada ao contexto da interação. No entanto, quando um comportamento se exacerba ou é percebido como inadequado, não faltam comentários

Na atividade cênica, no entanto, há troca de comentários sobre as performances. Atores que se dedicam a elaborar suas performances com diversas tonalidades de emoções, muitas vezes nos bastidores, se manifestam a respeito das atuações de seus pares. Pois bem, em um bom número de vezes, eles dão declarações elogiando atuações que odiamos e vice-versa.

Neste último caso, a divergência de impressões e observações feitas por pessoas igualmente treinadas sobre uma performance em que o ator construiu voluntariamente sua expressividade emocional projeta um foco bastante amplo sobre as lacunas que podem se colocar entre o que desejamos expressar, ou mesmo, apenas, entre o que se sentimos ao dirigir a alguém, e como esse alguém nos percebe e interpreta.

É neste âmbito que se situa a maior parte dos problemas teóricos que se colocam à análise da expressividade emocional corpórea, e com cuja explicitação cremos poder contribuir para o desenvolvimento da atividade técnica do ator tanto quanto nos servimos dela para nossas reflexões.

Um primeiro questionamento dentre muitos que teremos a oportunidade de desenvolver neste trabalho seria se a diversidade de avaliações consistiria apenas no fato de um dos atores estar envolvido no processo expressivo e o outro estar observando externamente? Ou haveria diversidade de avaliações também entre observadores externos igualmente treinados? Nossa experiência vivencial nesse campo mostra que há uma grande diversidade avaliações, bem como há também casos de consenso.

Como propiciar, então, a inserção de informações e análises críticas no processo de aperfeiçoamento da técnica da performance atoral, se partirmos do pressuposto de que há diversidade de avaliações?

O encenador cujo pensamento e práticas são privilegiados nesta abordagem, pelo fato de oferecer um procedimento nítido de inserção gradual de informações no processo de elaboração da performance do ator, é Constantin Stanislavski, o qual é reconhecido como um marco do denominado “advento do teatro moderno”: quando nasce propriamente a figura do encenador enquanto agente de uma teatralidade que reflete criticamente sobre si mesma<sup>2</sup>.

Seu processo de preparação e direção de atores é alvo de inúmeras apropriações e controvérsias, não sendo possível sequer ensaiar defini-lo no âmbito desta pesquisa<sup>3</sup>. Bastaria registrar a importância e a atualidade de seu Método da Análise Ativa e, também, ressaltar que uma das denominações dadas ao seu trabalho é Sistema Stanislavski – o que veio a constituir uma pista inusitada, mas que se mostrou determinante para estabelecer o vínculo que procurávamos entre diferentes elementos que alimentavam a pesquisa e as práticas com as quais buscávamos coloca-los em diálogo.

Nos procedimentos stanislavskianos, antes que avaliar se uma atuação foi boa ou ruim, busca-se identificar incongruências de lógica no conjunto das ações efetuadas pelo ator e dos estados emocionais em que se apresentava ao agir para que, em seguida, este volte a improvisar a mesma cena. A lógica dessa seqüência de improvisações e observações críticas obedece justamente a um regime de alimentações mútuas sucessivas entre e *o entendimento da situação em que se encontra a personagem e o desenvolvimento de uma forma de agir compatível com ela.*

Antes que o *pensamento sistêmico* – uma das noções-chave a ser explicitada no nosso quadro teórico – fizesse parte de nosso repertório de conteúdos e, portanto, sem que pudéssemos tomar a presença do termo *sistema* como uma pista para estabelecer a vinculação entre Stanislavski e o sistemismo, no entanto, observamos uma forte correspondência entre o processo stanislavskiano – tal como o estudamos e vivenciamos – e uma descrição de

---

<sup>2</sup>Cf. ROUBINE, J-J. A linguagem da encenação teatral.

<sup>3</sup>Diversidade de apropriações de ST: procurar referências.

procedimentos que se informavam reciprocamente, desenvolvida por Edgar Morin – um dos principais figuras do *pensamento complexo*. Essa correspondência foi observada e, posteriormente, articulada com o sistemismo a partir da informação de que pensamento complexo e pensamento sistêmico são nomenclaturas se um mesmo regime de pensamento<sup>4</sup>.

As reflexões sobre a atividade cênica foram sendo desenvolvidas simultaneamente às buscas por novas informações sobre a expressividade emocional corpórea e sobre os três objetos artísticos que elegemos para ilustrar suas figurações em diferentes materialidades. Elegemos uma pintura, um romance e um filme intitulados “Moça com brinco de pérola”, pelo fato de apresentarem um bom campo de observação para o tema da corporeidade. A proposta de abordagem desses três objetos artísticos consistia em analisar os diferentes artefatos e procedimentos subsumidos em cada arte, especialmente quando reunidos em sua intertextualidade por meio do título comum.

Em última instância, nos interessava abordar a multiplicidade apropriações da corporeidade, na qualidade de *materialidade artística*, pelas diferentes artes e, especialmente, em revisitar o pensamento sobre o uso do corpo da modelo em pintura – tratado nas narrativas literária e fílmica – a partir de reflexões sobre o uso do corpo expressivo do ator cinematográfico contemporâneo, especialmente no estilo realista de interpretação.

Essas buscas passaram a ser progressivamente desenvolvidas na www e a oferecer uma gama muito ampla de informações sobre os objetos artísticos e mesmo a viabilizar a informação sobre aspectos externos a eles, porém vinculados por sua interseção com um dos objetos eleitos. Por exemplo, um aspecto que muito nos interessava: a filmografia de cada ator do filme, bem como o elenco de cada filme do qual ele participava, com fotos e tantas outras informações. Além disso, a pintura eleita é obra de um mestre a quem é dedicado um *site* com todo tipo de informação verbal e visual sobre a pintura eleita, mas, sobre sua pictografia; sobre a materialidade da sua arte em uma dinâmica que se explicita no jogo entre pigmento, veículo, mistura, superposições sobre a tela em função da intervenção da luz sobre ela, etc.

---

<sup>4</sup>Cf. capítulo 5 deste trabalho, especialmente o subitem 5.5.

No entanto, os critérios de busca que experimentamos não nos conduziam a textos de teoria ou história da arte sobre o corpo, que fosse na dança, no teatro, no cinema, na pintura, nem conduziam a textos de disciplinas empíricas, salvo quando dirigidas para nomes de autores previamente conhecidos. Enquanto isso, em vez, as informações sobre objetos em seus respectivos mercados (livros, quadros e suas reproduções, filmes e seus DVDs) eram vastas. Em termos de acesso direto a textos veiculados em rede, um viés que se abriu nesse processo de busca foi o do *corpo cibernético*, fixando a noção de *ciborgue* (galicismo da forma reduzida em inglês *cyborg: cybernetic organism*), que, por sua vez nos conduziu à noção do *ciborgue como recurso heurístico* para o entendimento do corpo e ainda à noção de *ciborgue interpretativo*, isto é como *recurso heurístico para o entendimento da cognição*, das tecnologias contemporâneas do pensamento cujo representante máximo é o próprio instrumento de veiculação dessas informações: a *www*, a *hipermídia* por excelência.

Nas pesquisas efetuadas por meio da *www*, as dificuldades em relação à seleção e ao resgate de informação, i.e., à revisitação de textos em que havíamos encontrado informações significativas fizeram com que o *instrumento* de pesquisa passasse a freqüentar nossas reflexões também na qualidade de objeto. Assim, reconhecemos um traço comum entre o que ocorria no âmbito do *conteúdo*, i.e., *da atividade de expressão emocional*, e o que ocorria no âmbito do *procedimento instrumental*, i.e., *da pesquisa acadêmica via www*: em ambos havia uma grande *facilidade em perceber e em agir espontaneamente* seguida de *dificuldade em operar estrategicamente sobre esse agir*, de modo a resgatar os resultados para novas ações. A partir daí, as duas experiências podem ter o seu sentido comum explicado pela dificuldade que o procedimento *sistêmico oferece: ressignificar e reconfigurar todo um sistema a cada alteração de qualquer de suas partes ou elementos*. Esta observação nos conduziu a uma primeira esquematização conjunta dos dois processos vivenciados:

a) um plano em que a *produção de estados emocionais*, ou predisposições afetivas participam ativamente das *interloquções cotidianas* por meio de movimentos expressivos do corpo, especialmente as expressões faciais e, em *contraponto*, um plano em que a sua produção devia *participar da construção de interloquções em cenas artísticas*.

b) um plano em que o *processo de associação de idéias* se dava durante *procedimentos de busca de informação em rede telemática* e, em *contraponto*, um plano em que *buscávamos estratégias para resgatar o acesso a essa mesma informação*.

Diante dessa associação entre um *procedimento corpóreo*, um *procedimento midiático*, e uma *atividade tecnológica* simultaneamente *cognitiva e instrumental*, nasceu um *desafio conceitual* que atribuímos à *hegemonia de uma cultura da informação*: a noção de *corpo-mídia*. O *corpo* seria a *mídia* mais *primária* e, portanto, uma idéia muito interessante a ser explorada, facilmente aceita no âmbito dos estudos da comunicação, mas extremamente problemática em um âmbito mais amplo, que põe em xeque a memória e as alianças e conflitos implicados em suas *bases epistemológicas*.<sup>5</sup>

A noção de *mídia* ou *meio de comunicação*, tal como definida âmbito da corrente hegemônica dos estudos da comunicação, corresponde o *instrumento que codifica e emite dados e os recebe e decodifica*, ou então, é o *canal que conduz* os dados entre esses instrumentos. O problema consiste em que os *dados*, no modelo do qual nascem os estudos da comunicação, são apenas *impulsos elétricos tratados de forma codificada* e planejados para serem *transmitidos entre dois objetos também previamente preparados para codificar e emitir, receber e decodificar*. A sedução pelo uso indistinto da noção de *mídia* e de muitas outras *vinculadas ao campo das telecomunicações*, encontra uma forte barreira na *linhagem filosófica* à qual já vínhamos associados e que denuncia as implicações de um pensamento construído sobre esse modelo, que pressupõe os *sujeitos e os significados de mensagens como entidades fixas*, assim como o são os *instrumentos da teletransmissão*.

A *nova comunicação, interacional*, formulada pelo *Colégio Invisível*, embora não tenha sido capaz de se apropriar da *hegemonia* detida pelo *modelo informacional ou telegráfico nos estudos da comunicação*, fez o trabalho de *denunciar sua insuficiência para o universo da comunicação humana*. O problema maior do modelo informacional da comunicação, quando *projetado*

---

<sup>5</sup>Cf. figura 1.

*para fora do campo das telecomunicações, é que ele opera como um **modelo de pensamento tributário da tradição metafísica ocidental.***

A falta de definição terminológica em muitos dos artigos dedicados aos estudos da comunicação nos faz crer que há efetivamente um *apagamento, em sua memória, de suas bases epistemológicas* e uma provável ignorância em relação às problematizações e eleições desenvolvidas pela *nova comunicação*.

Somando-se à *redução radical* que o *viés informacional, hegemônico nos estudos da comunicação*, opera sobre as potencialidades comunicacionais da corporeidade, assistimos a uma multiplicação das publicações de divulgação científica no campo das *neurociências*. Isto nos permitiu continuar a identificar *instrumentos* que as *novas tecnologias* inserem no nosso *cotidiano* por outro *viés temático* que não aquele dos *meios de comunicação*. Adentramos o campo da *biologia e da saúde encontrando respostas para os problemas que a filosofia colocava*, mas *não poderia responder senão por eleições ideológico-epistemológicas*.

Recentemente, muitos trabalhos de divulgação científica<sup>6</sup> vêm oferecendo, ao público leigo, informações sobre aspectos da *neurofisiologia humana*, dentre os quais aqueles relacionados às *emoções e aos estados afetivos*, sublinhando a importância do *contexto de interação* em que estes se produzem, os efeitos de técnicas de meditação, etc.. Isto significa que sejam absolutamente dependentes da *intersubjetividade* que se constitui na *produção da emoção*, e vem criticar as pesquisas que desenvolvem seus experimentos em ambiente laboratorial, ao considerar os efeitos da *experiência de privação*.

Já amplamente discutido pela etologia, em relação aos experimentos com animais nas pesquisas sobre *conhecimento inato e conhecimento adquirido*, o problema que se coloca é que, sendo *privado das condições* em que naturalmente desenvolveria uma habilidade - convivência com os da mesma espécie, materiais disponíveis, possibilidades de deslocamento no espaço - *ainda que uma predisposição seja inata, o indivíduo pode não desenvolvê-la*.

No caso dos experimentos com humanos já formados, a crítica pode ser aplicada ao fato de que o *ambiente do experimento seja hostil* ao conjunto de

---

<sup>6</sup>Cf. por exemplo, CARTER, R. **O livro de ouro da mente**

elementos que acionam a habilidade, que teria sido desenvolvida, durante seu processo de amadurecimento, apenas para atuar em contextos “naturais”. Eis aí a *importância de pensar sobre o desenvolvimento gradativo da habilidade expressiva em contexto cênico, por atores, como elucidativa.*

No caso específico de pacientes internos em hospitais, suas reações emocionais estariam em processo de *adaptação e não direcionada ao teste*. Isto é, o paciente está sujeito a passar por equipamentos de exames, mas não está envolvido em um *conjunto de ações dirigido à vigilância sobre suas próprias emoções*. Os casos de pessoas que sofreram *lesões no cérebro* já têm uma história de pesquisa. Tivemos acesso a um *composit*, cuja referência se perdeu, em que constavam quatro fotos: duas pessoas em duas situações que, *em um indivíduo sem lesões* poderiam corresponder a ao que reconhecemos como um sorriso. Essas pessoas *respondiam às mesmas solicitações*, na mesma seqüência, e a *seqüência do resultado da sua expressividade facial era contrária*. A justificativa dessa demonstração era que *o local do cérebro de cada lesão implicava a possibilidade de sorrir numa situação de alegria, ou a possibilidade de elevar os músculos da face equivalentes ao sorriso voluntariamente*. A opção alternativa de expressão se dava visivelmente *distorcida, deficiente*.

Aqui está o aspecto mais importante e que se estende além do âmbito das *expressões faciais: a volição é impotente para provocar grande parte do que compõe nossos movimentos expressivos do corpo*. Parece que esquecemos o quanto somos efetivamente orgânicos: tanto no sentido de o quanto todos os *nossos sistemas fisiológicos: simpático e parassimpático, são organicamente interagentes*<sup>7</sup>; e que *é de seus movimentos que se constituem os afetos e as emoções*, que podem ou não serem associadas a *sentimentos*, e *não de uma mente voluntariosa que permite ou impõe ao corpo mover-se ou estancar em todos os aspectos que compõem a mobilidade, além do deslocamento no espaço*.

Outro aspecto que vem sendo sublinhado pelas pesquisas *neurofisiológicas* aplicadas à *percepção e à produção* desse tipo de comportamento é a da ausência ou presença de *awareness*, que aproximativamente traduziríamos por *atenção*, que muitas vezes se confunde com

---

<sup>7</sup>Cf. capítulo 5 deste trabalho, especialmente subitem 5.3

*consciência* e com *intencionalidade* (que em filosofia é sinônimo de direcionamento da consciência a objetos).

Alguns dos processos de interação por meio da expressividade corpórea, produzidos em laboratório, oferecem fotografias com características expressivas de *dor, sofrimento, prazer, alegria, raiva, nojo* e observam, por meio de câmeras de registro, *a reação facial dos observadores* expostos a elas de modo associado a *instrumentos de registro* das reações de *ativação de regiões cerebrais* durante tais exposições, e *entrevistas sobre sua percepção*. O resultado dessas pesquisas é que, sem que se dêem conta, o que seria o mesmo que dizer, sem que tenham *consciência* disso, e também, sem que se situem em *contexto propriamente comunicativo* (expressar-se *para* comunicar ou retribuir um afeto), essas pessoas *reagem fisiologicamente, repetindo o mesmo esquema expressivo que lhe passou perante os olhos* e tendo as *regiões cerebrais reconhecidas como locais das respectivas sensações ou emoções ativadas*.

Retomando o outro tipo de experiência sobre o qual tecemos as observações iniciais, vamos tratar daquela relacionada ao corpo na interação humana para colocar a pergunta: o que seria distintivo entre essas duas ordens de ação: o uso cotidiano e o uso artístico do corpo expressivo? E mais, o que haveria de distintivo entre a produção desses estados ou de suas imagens nos corpos (em uma e em outra ordem) e a percepção desses estados ou de sua significação (em uma e em outra ordem) pela própria pessoa e pelos demais?

Na ordem do cotidiano, perguntava o quanto outras pessoas comuns são capazes de perceber e reagir a essas predisposições que compõem suas ações perante os outros e as dos outros perante elas? Enquanto, na ordem do artístico cênico, perguntava o quanto o público percebe quando estas ações são compostas coerentemente por um ator, e o quanto simplesmente se contenta em seguir o que este diz independentemente do estado em que se mostra enquanto diz o texto?

O que efetivamente importa na inscrição da experiência corpórea na ordem cênica, é o fato de que estamos diante de um *ofício* que, à diferença dos demais, se *sustenta sobre uma habilidade comum ao ser humano em geral* que participa de suas atividades cotidianas; *não necessita de nenhum objeto externo ao corpo* para se realizar: ele é seu *motor*, sua *materialidade*, seu *instrumento*, e seu *produto*. A chave para a especulação sobre a habilidade que procuramos conhecer

melhor estaria na *lacuna invisível* entre uma *atuação cênica* e uma *atuação cotidiana*, se não for *mediada por um palco cênico ou pela instauração de uma situação extra-cotidiana*

Não podemos nos permitir substituir o *cênico* por *técnico* e o *cotidiano* por *espontâneo*, uma vez que já sabemos *que faz parte das ações cotidianas operar em algum grau sobre nossos comportamos, o que confere a essas ações algum grau de técnica*. Portanto, podemos concluir que seja o deslocamento do âmbito das relações cotidianas, operado pela instauração de um espaço cênico que confere à *observação* das ações expressivas e dos demais comportamentos a possibilidade de observação da *expressividade tecnicamente construída*. Essa mesma lógica, no entanto, denuncia que, em uma interação cotidiana, *caso um dos interlocutores tenha uma técnica bem desenvolvida e deseje utiliza-la para o engano, não haveria como detectar a lacuna entre cênico e o não-cênico*, e aí teríamos um problema que ultrapassa esse âmbito de questionamento, perpassando a *ética*, os *jogos de linguagem*, etc..

No entanto, se nosso ponto de vista for dedicado à feitura das ações, ao desenvolvimento de estratégias e condicionamentos para *construir performances dedicadas à instauração de uma cena, de um estado de coisas e acontecimentos, a lógica é outra*. Todo ator em formação conhece as *dificuldades* que existem em *situar-se em uma cena, em saber como agir, em descobrir qual seja e colocar-se em um estado emocional compatível com a situação em que se encontra*.

É justamente porque *intensifica* essa *habilidade expressiva* da parcela *emocional ou afetiva* que compõe nossas ações – no sentido de que a expande, esgarça, força seus limites – que a *atividade cênica do ator* possibilita uma visada ampliada das estratégias de que dispomos para operar tecnicamente sobre nossos estados emocionais. O que subsume uma divisão: o que ele sabe fazer implica *produzir efetivamente tais estados emocionais e afetivos em seu corpo*, ou sua técnica consiste em *neutralizar sua emoção e produzir uma imagem formal* do estado compatível com a situação por meio de um controle voluntário programado da parcela de seu organismo que é passível de mobilização, para *formar uma figura da emoção?*

Para ensaiar responder minimamente a estas perguntas, mesmo uma historiografia que tendesse à exaustividade dos relatos sobre os diversos estilos

interpretativos dos atores cênicos em diversos momentos da cultura ocidental e dos procedimentos de trabalho dos diretores de ator, não seria suficiente, além de ser inexequível. O que podemos oferecer são algumas contribuições de diversas áreas disciplinares que podem auxiliar a compor o processo de auto-elaboração dos atore-pesquisadores, especialmente aqueles socializados com o Método Stanislavski de Análise Ativa.

## 1.2

### Relato de aproximação com o tema da www

A finalidade dos procedimentos de pesquisa na rede era *nutrir o conhecimento sobre assuntos que já tinham vinculação uns com os outros e que já vinham sendo estudados*. Ainda assim, encontrar textos que se vinculavam por dois, três ou quatro aspectos era incrivelmente fácil na rede, mas ordená-los materialmente ia se tornando progressivamente mais difícil, na medida em que não havia uma seqüência óbvia para fazê-lo, não havia uma hierarquia que justificasse dar prioridade a um ou a outro aspecto, de modo que todos precisariam ficar à vista todo o tempo.

Não me ofereciam como, ao contrário, o fazem os livros, um sumário em que eu pudesse ver as partes e subpartes do conteúdo esquematizadas ante meus olhos e, assim, pudesse depreender como chegar a determinado item. Nos livros, os autores tinham realizado essa seqüencialidade e oferecido um roteiro, um mapa. No material que eu havia retirado da rede, os vínculos que associavam esses textos entre si eram tantos, e tão várias eram as possibilidades de outras vinculações oferecidas por cada um deles, que percebi que o efeito estava sendo o oposto daquele buscado em minha operação.

Explico: se, inicialmente, havia algumas lacunas conceituais no conteúdo que eu já havia acumulado até um determinado momento, e eu recorri à rede com o objetivo de fazer um percurso rápido de acesso direto, àquilo que eu podia identificar mais especificadamente como o assunto, para então, selecionar aquelas ofertas que mais se associassem ao tipo de abordagem que era o meu, e voltar ao curso da escrita do meu próprio texto. Mas, o que ocorria era uma

*proliferação de possibilidades associativas*, algumas esquecidas, outras desconhecidas.

Esse procedimento não apenas estendia o assunto como explicitava um outro problema, já presente em meu processo cognitivo: *uma grande facilidade em estabelecer vínculos associativos, o qual a rede potencializava ainda mais, e, em contrapartida, uma grande dificuldade em retomar a seqüência na qual esses vínculos aconteciam* (quais as perguntas que haviam me conduzido de um aspecto a outro; que hierarquia estabelecer em um campo de questionamento amplo e complexo, em que todas as partes eram igualmente necessárias e precisavam estar simultaneamente ativadas, ou, disponíveis à ativação, para poder funcionar).

Outra forma de falar desse jogo de facilidade e dificuldade seria dizer que sempre fiz mapas ricos em elementos conceituais necessários a pensar sobre os temas de meu interesse, mas sempre tive dificuldade em escolher uma *ordem seqüencial* para eles, e mais, sempre tive dificuldade em *estabelecer hierarquias*, subordinar uns aos outros, em determinar quais deveriam entrar em cena em menor escala, ter uma só fala, um só parágrafo, para compor um outro que, então, atrairia para si as qualidades desses para compor seu discurso.

O máximo que a rede me oferecia em relação a essas duas dificuldades era, em apenas alguns dos *programas de navegação* usados pelos *sites* pesquisados, uma linha sempre visível em que constava a *seqüência de estágios pelos quais foi feito esse trânsito* dentro do *site*, com os termos interligados por setas (>); ou, ao final de uma breve seqüência de *sites*, o *botão de “back” do navegador* gera. Isto resolvia o problema da seqüencialidade dos trânsitos, i.e., do percurso desenvolvido, do processo de associações subjacente à chegada a um certo momento de conjugação de saberes, embora apenas parcialmente: uma vez encerrado o programa, o *“back”* deixava de fornecer essa informação.

Não obstante, o problema da hierarquização das categorias ou noções em jogo - em função da relação entre seus graus de abrangência ou complexidade - e o problema da dificuldade de assimilação das perguntas que se colocavam no processo de regência dos trânsitos entre verbetes, sites, páginas, na velocidade do “click-instante” permaneciam não resolvidos.

Em relação ao problema da hierarquização, comecei a perceber que, tanto mais eficiente era um *site* quanto menos hierarquizante eram as vias de acesso.

Explico: quanto *mais diretamente interligados por links eram os aspectos que participam de um hiperdocumento*, em relação aos demais que com ele possuíam vínculos de associação conceitual dentro de um campo temático, *mais ágil e eficiente era o trânsito, a circulação do usuário pelas vias da informação*. No entanto, além dos *links* no corpo do texto (que podiam ser usados como vai e volta ou, é claro, dar prosseguimento a vias que conduziam para longe do texto inicial), havia também saídas para outros *sites* com o mesmo tema ou para páginas com temas correlatos ou complementares. Havia *sites* que mostravam simultaneamente: um conjunto de pontos de partida (dois ou três menus simultâneos com suas ordens de escolhas) dentro de cada página, bem como a localização daquela página em relação aos seus respectivos menus superiores, mas eram *sites* criados pelos programas classificados como “buscadores” e mais amplamente dedicados a áreas não acadêmicas como, por exemplo, a área de turismo no *Yahoo-search*.

Ou seja, a *conclusão* é de que a rede possuía uma *estrutura extremamente complexa*. Seu mapa traçava conexões possíveis entre a maior parte dos componentes conceituais de um texto e a maior parte dos componentes conceituais (otimizando) dos outros textos em que se encontravam. Mas, estabelecia uma sequencialidade organizada, coerente, explicativa desses elementos nos textos visíveis de cada documento, elegia títulos e sub-partes para cada um deles, e hierarquizava a extensão de ocupação do espaço em cada documento pelos diferentes elementos, dando-lhe dimensões distintas em outro documento, ao qual conduzia, caso o usuário que o elegeisse, dentre todos aqueles marcados com *linkagem* no documento. Ou seja, sua estruturação domina um procedimento de hierarquização categorial que não se faz necessariamente visível no hiperdocumento. No exemplo do *Yahoo-search* o usuário pode ter noção da abrangência do campo de possibilidades que se abre a partir de critérios como Turismo: por país, depois cidade, depois hotéis, depois número de estrelas e preços do serviço hoteleiro. Enquanto ele adentra em seu foco de interesse principal, lá estão, visíveis em janelas internas ou sub-menus, os acessos para as informações complementares, como passagens aéreas, ou restaurantes, ou clima, e assim por diante. Isto não acontece no hiperdocumento acadêmico, a não ser, de

forma menos desenvolvida do que o exemplo dado, em obras de referência cujo melhor exemplo de navegação e busca que encontrei foi a *Wikipedia*.

Logicamente, para chegar a esta narração que se pretendia uma breve descrição de procedimentos, não me conformei com a minha incapacidade de ordenar um ínfimo extrato pré-selecionado de informação, isto é, em e não conseguir disponibilizar para um resgate ágil durante a construção do pensamento em texto, aquilo que tinha sido tão extremamente ágil no processo de pesquisa.

Devido ao fato de estar procurando tematizar o aspecto mediático em sua inserção no campo das materialidades artísticas, e atentando para os procedimentos imateriais que participavam do fazer dessas artes, pesquisei também os termos que falavam sobre o fazer imaterial dos hiperdocumentos. Assim, fui me socializando com sua terminologia, suas conceituações e seus processos materiais e imateriais de construção da tecnologia intelectual que participavam daquele processo.

Pude, então, conhecer as autocríticas, as problematizações, as dificuldades e as avaliações que uma ampla gama de profissionais envolvidos na sua construção compartilham. Encontrei em estudos desenvolvidos no campo das ciências da informação: a explicitação de sua necessidade de interação com os *designers* de ambiente gráfico para reunir imagens de reconhecimento fácil; discussões sobre dificuldades relacionadas ao estabelecimento de vínculos associativos conceituais e à solução de ambigüidades nascidas da polissemia das palavras em seu pertencimento, de forma diferenciada, a diferentes campos do saber, do lazer, e do que mais possa constituir um campo (páginas chamadas de “*desambiguação*” na *Wikipedia*, são um exemplo de solução para este problema); e tudo isto mantinha relação com a programação em linguagem computacional e com as possibilidades materiais da variedade de equipamentos a que deviam atender.

Esses esclarecimentos não resolveram o problema prático de encontrar uma saída para criar meu sistema, mas pode me dar a noção de que seria necessário ter uma equipe de profissionais para fazê-lo. Além disso, mostrou que, na base da criação dos vínculos associativos, existem processos de formação de profissionais socializados com critérios de taxonomia ou nomenclatura e classificação e, finalmente, de criação de ontologias.

Neste ponto, a questão se desloca para outro campo do saber, aquele que tem regido meu pensamento na qualidade de motor ou de condutor geral. “Ontologia” então passa à condição de um ícone de saída, senão para a resolver ao menos para identificar um aspecto importante do problema da hierarquização dos assuntos do meu texto e redimensioná-lo. Ontologia é também um dos nomes do objeto contra o qual se insurge a corrente de pensamento à qual me filio. Há, no entanto, ressignificações deste termo realizadas por algumas abordagens contemporâneas que iremos visitar: *ontologia da realidade* e *ontologia do conversar*; *ontologia da performance*; *ontologia em ciências da computação* são *coisas distintas*.

A corrente de pensamento que reúne os pós-estruturalistas franceses nasce justamente como resistência à “Ontologia”, como sinônimo de “pensamento metafísico” simultaneamente *campo do saber* e *regime de pensamento* que rege nossa cultura desde sua fundação - atribuída, em geral, ao filósofo Platão (embora sua nomeação tenha sido posterior). Essa ontologia constituía, assim, seu regime de pensamento como o próprio regime de estar no mundo, de vivenciar o real, sendo considerada a ciência do ser.<sup>8</sup>

Na corrente pós-estruturalista, que repudia essa filosofia, desenvolveu-se uma estratégia que é conhecida como **desconstrucionista**, no sentido de consistir em um procedimento do pensamento que põe sob vigilância os conceitos com os quais trabalha, que põe em questão a maneira de estar no mundo que fomos habituados a estar, por meio da explicitação das operações feitas pela linguagem, já que é por meio da linguagem que ela se estabelece. O foco mais amplo de observação são as *oposições binárias* de termos que representam as coisas do mundo e o próprio mundo.

E agora, todos os caminhos pelos quais alguém pode se deslocar no espaço privilegiado da informação, que vem inaugurando sua era desde os anos sessenta/setenta, vive sobre a criação de ontologias implícitas e desprovidas de assinatura (autoria/autoridade) para o usuário.

Por um lado, constitui um acontecimento que pode ser *libertário*, se consideramos que estabelece a *pluralização da ontologia metafísica* em

---

<sup>8</sup>Cf. capítulo 3 deste trabalho

*ontologias, necessariamente construídas, e que pode vir a ter seus procedimentos progressivamente explicitados e socializados. Por outro lado, pode ser perigosamente determinante na visão de mundo do usuário leigo em ciências da informação, na medida em que considerarmos que pode permanecer implícita para seus usuários, passar despercebida como vinha acontecendo até então para mim e, desse modo, vir a ser naturalizada na cultura como foi a primeira ontologia, como parece demonstrar ser o caminho desenvolvido até então, se considerarmos que a descrição aqui realizada possa ser representativa da grande maioria dos usuários de hipertextos.*

A conclusão a que posso chegar até o presente momento, sem predisposições apocalípticas, é a de que *há que desconstruir, urgentemente, a tecnologia intelectual do hipertexto informático para pensar o exercício da leitura*, seja qual for. Não basta pensar nos estudos literários e, muito menos, apenas os *textos poéticos* que exploram os procedimentos formais básicos oferecidos por essa tecnologia.

Neste mesmo sentido, consideramos tarefas necessárias ao nosso procedimento:

a) defender a inaplicabilidade: do modelo informacional da comunicação aos comportamentos corpóreos expressivos. [através da explicitação das bases metafísicas da Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação, da identificação de suas relações com o modelo saussureano do signo e de sua assimilação pelos estudos lingüísticos no modelo comunicacional da linguagem de Roman Jakobson].

b) apresentar como solução conceitual: o modelo interacional da comunicação [através da explicitação da influência da Teoria Sistêmica Cibernética, e de sua assimilação pela Escola de Palo Alto, também conhecida como Colégio Invisível - atuante nos estudos antropológicos e nos estudos de comunicação, dentre vários outros campos do saber].

c) defender a compatibilidade: entre a requisição da presença na “*ontologia da performance*” (presença corpórea desidentificada) e a problematização filosófica da ontologia platônica enquanto metafísica da presença (presença da consciência);

d) problematizar a naturalização: da produção de conhecimento mediada pela www (ciberespaço) explicitando a sua fundação em “ontologias” e tecendo um paralelo com o problema da fundação da ontologia platônica - alguns exemplos de simulação digital servem para explicitar a naturalização dos dispositivos tecnológicos no cotidiano, considerando sua inserção na percepção sensível e da literacidade, a partir da observação do caráter de meta-mídia desses dispositivos e da materialidade numérica (formal) das linguagens computacionais.

### 1.3

#### Diagrama teórico

As bases motivacionais que promovem este trabalho provêm, basicamente, de experiências vivenciais relacionadas a dois processos cognitivos, aqui caracterizados como: 1) *interação por meio da expressividade corpórea das emoções*; e 2) *vinculação de conteúdos intelectuais*. Consideramos que ambos os processos se inscrevem em dois planos de ação que se *alternam, se entrecruzam e se nutrem mútua e sucessivamente*: a) *o plano de ação da vida social cotidiana*; e b) *o plano de ação do exercício técnico direcionado* (neste segundo plano, o primeiro processo é ilustrado pelo *trabalho do ator cênico* e, o segundo, *pela pesquisa acadêmica mediada pela www*).

O estabelecimento de um paralelismo entre os dois processos cognitivos e de um entrecruzamento sucessivo dos dois planos de ação mencionados é fruto do último resultado da pesquisa: a descoberta de uma vinculação histórica conceitual entre a *interação por meio da expressividade corpórea*, a *cibernética* e a *navegação na www*.

Imprevisto pelo projeto – e ignorado durante a maior parte das redações parciais deste trabalho – o *elemento teórico* que reúne os três temas mencionados, vindo a legitimar a formulação de nosso objeto estético em termos de *hipermídia*, é o mesmo que veio a explicitar e a legitimar dificuldades inerentes à elaboração

do conhecimento encontradas durante o processo de *pesquisa de tópicos de conteúdos*. Este *elemento teórico* é o conceito de *sistemismo*, ou o regime de pensamento *sistêmico*, que encontra, na formulação da *cibernética*, a *modelização* do procedimento que permite aos sistemas *se autocorrigirem sucessivamente para manterem-se em equilíbrio*.

O *pensamento sistêmico* propõe que qualquer *alteração* em um dos elementos, ou a inserção de um novo elemento, em um sistema, implica a *reconfiguração* das relações entre os componentes e, igualmente, a *ressignificação* de todos os elementos. A noção-chave, implícita nesta formulação, é a noção de *feedback*, *realimentação* ou *retroalimentação dos sistemas*, isto é, a idéia de que os sistemas *se reorganizam incorporando o resultado de suas ações*. Nesse regime de pensamento, conhecido como *sistêmico ou complexo*, é a *dinâmica das relações* que determina a caracterização dos *elementos componentes*<sup>9</sup>.

A característica comum que promove a vinculação entre a *interação por meio da expressividade corpórea das emoções* (motivação inicial da pesquisa); a *cibernética* (uma inserção imprevista, promovida pela pesquisa na www); e a *navegação na www* (um *instrumento de pesquisa* ressignificado como uma *tecnologia da inteligência*) tem sua historicidade na noção de *sistemismo* e em sua eleição por um grupo de cientistas que se reuniram para desenvolver o arcabouço conceitual da teoria *cibernética*.

O termo *cibernética* é inspirado em sua etimologia, que remonta ao vocábulo grego *kybernetes*, o qual se traduz literalmente por *timoneiro*. No entanto, o *timão*, em sua *operação física*, é de ordem meramente *mecânica* (e o *mecanicismo* é exatamente o *regime de representações sobre o mundo* que o *sistemismo* vem desafiar)<sup>10</sup>. Para entender a escolha do *kybernetes* para nomear a nova teoria, já seria necessário pensar *sistemicamente*. Isto é, seria necessário

---

<sup>9</sup>Trata-se a inversão da relação entre *figura* e *fundo* que este regime de pensamento propõe, relativiza o que seria a *identidade* dos elementos e sua *funcionalidade*. Esse modelo serve à nossa abordagem de uma *expressividade emocional corpórea* como um *sistema dinâmico de modificações* que ocorre durante uma *interação*, o que implica não podermos concordar com a proposição de que uma determinada expressão tenha uma identidade fixa, e que seja definida, apenas, a partir da soma dos movimentos de um ou mais grupos musculares.

<sup>10</sup>Cf. Capítulo 4 deste trabalho, em que explicitamos a importância da substituição do *mecanicismo* (vinculado ao *cartesianismo*) pelo *sistemismo*, e remetemos às fontes.

considerar a atividade do *timoneiro* como *parcela inextrincável do sistema no qual ocorre*, e não como um elemento isolado.

O timoneiro é aquele que *regula* o deslocamento da embarcação procurando *anular seus desvios em relação à rota*. Isto é, a cada ação que porventura *desregula* o direcionamento de seu movimento, ele procura uma nova ação capaz de *compensar o desvio*, e assim *sucessivamente*. Note-se a pressuposição de uma *rota*, na descrição que define a atividade do timoneiro, o que indica uma complexidade implícita no processo mais amplo em que essa atividade se insere. Para entender porque esse exemplo constitui uma ilustração clássica do *modelo do tipo de sistema* que mais nos interessa, vão ser necessárias algumas explicitações sobre a noção de *navegação*.

A navegação<sup>11</sup> é uma atividade de *precisão* que inclui *pontos de referência* demarcados, em relação aos quais o navegador *calcula*: a *localização* da embarcação; o *grau de distanciamento e de aproximação* em relação a eles em diferentes momentos; e a diferença entre o *percurso efetivamente percorrido* e a *rota programada* para que, então, o *timoneiro* possa definir sua próxima ação sobre a embarcação a fim de mantê-la no rumo objetivado. De onde se conclui que navegar não é sinônimo de deslocar-se, e que não se *navega* sem rumo, ainda que rumo a destinos instrumentais e transitórios. Cunhados para calcular o deslocamento referenciado de embarcações marítimas – *nave*, *navio* – os termos *nave* e *navegação* tiveram sua aplicação ampliada para seus correspondentes no ar – aeronave e *navegação aérea*, tendo sido apenas o termo *navegação* apropriado pelo jargão dos *internautas* para o universo da *rede telemática*, o *ciberespaço*.

Enfim, embora possa ser fonte de controvérsias, pouco desenvolvida pela indústria informática<sup>12</sup>, e pouco explicitada, e ignorada ou mal aproveitada pelo usuário leigo, a *navegação na www* pode ser pensada como o *objetivo* de uma *tecnologia da inteligência*, uma vez que foi este o nome que esta parcela da cultura atribuiu à sua atividade. A discussão que a sustenta importa na medida em

---

<sup>11</sup>Cf. WILSON, R.A.; KEIL, F.C. **The MIT encyclopedia of the cognitive sciences**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 200 [vbt.: **human navigation**]; Cf. também <http://en.wikipedia.org/wiki/Navigate>.

<sup>12</sup>Cf. Capítulo 6 deste trabalho. A explicitação da controvérsia sobre as concepções do uso da www, a crítica ao subaproveitamento dos *links*: como pontos de referência para um exercício efetivo de *navegação na www*. Cf também JOHNSON, S. **Cultura da interface : como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**.

que as atividades realizadas na *www* façam – ou não – uso dos dispositivos de autolocalização necessários à atividade do “*timoneiro*” e detectem – ou não – o direcionamento de seus *deslocamentos* entre os *tópicos de conteúdo ali demarcados*. Isto fica mais claro quando tomamos conhecimento de que o marco da concepção do que veio a ser a *www* remonta a um projeto denominado *Memex*, desenvolvido por Vannevar Bush.

*Memex* é uma forma reduzida de *Memory Extention*<sup>13</sup>, o projeto de um instrumento de *registro, organização e acesso* a conteúdos cujos *vínculos associativos* seriam estabelecidos pelos *focos de interesse* do pesquisador. Esses *vínculos* seriam organizados de forma *não hierarquizante* e não seqüencial, de modo que os conteúdos pudessem ser acessados *a partir de qualquer ponto de referência*. Essa forma de organização corresponde àquela das *redes* ou *teias* que, por esta razão são os vocábulos eleitos para nomear a *www* (*world wide web*).

Disto decorrem duas deduções: a) de que a *rede de associações* é passível de uma *cartografia*, ie, é apreensível por um *mapa de navegação* para pesquisas pessoais, o que corresponde àquilo que encontramos nos *sites* informáticos sob a nomenclatura: *mapa do site*; b) de que a inserção de informações teria como objetivo alimentar um *sistema* sobre o qual o pesquisador *retornaria*, alimentando-se da informação anteriormente articulada, para dar continuidade ao seu processo de construção de conhecimento: o que corresponde à idéia de *retroalimentação* promovida pela *cibernética*.

Uma vez explicitados os processos cognitivos e tecnologias intelectuais envolvidos nas noções de *timoneiro* (*kybernetes*), *navegação*, e *www* (*rede* ou

---

<sup>13</sup>Em 1945, Vannevar Bush reflete sobre o aumento prodigioso da produção de conhecimento e sobre o arcaísmo dos métodos de sistematização das formas de acesso a ele, e apresenta suas reflexões dedicadas à construção de um sistema inteligente e rápido de resgate de informação pessoal (“It is an enlarged intimate supplement to his memory”), ponderando sobre uma possível notação simbólica matemática (talvez binária), para representar os símbolos verbais em um dispositivo capaz dar acesso a todo o conhecimento armazenado por uma pessoa em uma velocidade compatível com a necessidade de encontrar conteúdos relacionados a itens importantes para o desenvolvimento de uma pesquisa. Sobre a relação desse projeto de dispositivo com a *matemática* (“...Then, on *beyond the strict logic of the mathematician*, lies the *application of logic in everyday affairs*.”); com a *navegação*: (“...is for the purpose of building a mental structure which in a way ‘puts the human up where *he can see what is going on* and can point the *direction to move next*’.”); sobre a maneira mnemônica de criar um sistema de referências, e outros aspectos que forem comentados neste trabalho a respeito da *www*, podem ser encontrados em vários trechos transcritos do projeto do *Memex*, com comentários, na página: <http://www.bootstrap.org/augdocs/friedewald030402/augmentinghumanintellect/3examples.html#II.A.1>.

teia) que, sob o foco de um regime de *pensamento sistêmico*, estabelecem um *primeiro território associativo de formação tripartite*, vamos identificar a localização histórica do desenvolvimento da articulação desses elementos em termos pragmáticos.

Embora a formulação de *teorias sistêmicas*, no âmbito da *matemática* e da *biologia*, anteceda o processo de formulação da *teoria cibernética*, é a eleição do *pensamento sistêmico* pelo grupo de cientistas que participou do desenvolvimento do arcabouço conceitual desta última que promove a disseminação do sistemismo em diversos campos disciplinares. O *sistemismo* recebe, a partir da *teoria cibernética*, uma contribuição inovadora: o conceito de *feedback negativo*<sup>14</sup>, cuja definição permite resolver um aspecto ainda que ainda não teria sido explicado satisfatoriamente pelas teorizações anteriores: o *equilíbrio dos sistemas*, ou *sistema complexo neutro*<sup>15</sup>. O grupo que colaborou no desenvolvimento de vários estudos publicados em 1948 com o nome de *cibernética*, por Norbert Wiener<sup>16</sup>, tinha uma formação transdisciplinar, reunindo cientistas oriundos de diversas áreas como: *engenharia*; *matemática*; *biologia*; *neurociências*; *psiquiatria*; *antropologia*; e *epistemologia*, em encontros batizados como *Conferências de Macy*, a partir de 1942.<sup>17</sup>

As Conferências de Macy, nesse período, têm como figura principal o matemático e filósofo Norbert Wiener, que apresenta suas propostas para uma *teoria cibernética*, caracterizada por uma lógica de *circularidade* e *retroalimentação* (ou realimentação, o *feedback*) sistêmicas. Essa teoria se contrapõe explicitamente, e com justificativas de ordem pragmática, à sua contemporânea *teoria matemática da comunicação*, desenvolvida pelos engenheiros de telecomunicações Shannon e Weaver, e caracterizada por uma lógica de linearidade e unidirecionalidade.

<sup>14</sup>Cf. WINKIN, Y. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo* p. 42, nota 7.

<sup>15</sup>Cf. Capítulo 4 deste trabalho. Cf. também CAPRA, F. *A teia da vida*. p. 53 e 52. Capra atribui ao russo Bogdanov a formulação o *modelo do sistema complexo neutro*, embora sem o conceito de *feedback negativo*, e questiona seu desconhecimento por parte dos estudiosos dedicados ao tema.

<sup>16</sup>WIENER, N. *Cybernetics, or control and communication in the animal and the machine*. *apud* WINKIN, Y. *op. cit.*, p. 126.

<sup>17</sup>Cf. Capítulo 4 deste trabalho. Colóquios anuais organizados pela Josiah Macy Foundation, fundada em 1930 por uma herdeira da família Macy. Cf. WINKIN, Y., *op. cit.*, p. 41-42. As Conferências de Macy, de 1942 a 1948 resultaram na publicação de Wiener (cf. nota anterior) e as conferências de 1949 a 1954 ficaram ao encargo de Heinz von Foester, Margaret Mead e Hans Teuber. Cf. também comentários contemporâneos de FOESTER no Capítulo 6 deste trabalho.

Deste *vínculo por contraposição*, vamos considerar seu desdobramento em **dois novos territórios parciais de vinculações**: um deles vai se desenvolver a partir da *associação de recursos* dessas duas teorias antagônicas, em um viés que reúne *informática* e *cibernética*, propiciando novos *campos* e *dispositivos tecnológicos*; e outro, que vai *reiterar o antagonismo* entre as duas, em um viés que reúne estudiosos de *lingüística, psiquiatria, antropologia e sociologia* propiciando um novo campo para os estudos da comunicação, ou, para uma **nova comunicação**<sup>18</sup>.

Pois bem, o território expandido das *duas correntes teóricas antagônicas por associação* entre seus diferentes dispositivos e objetos encontra o rastro de sua formação na presença do *matemático* John von Newman, criador do primeiro **computador digital**, na qualidade de segunda figura em grau de importância nas Conferências de Macy, imediatamente depois de Wiener. Nesse território vamos encontrar o nascimento de uma **segunda configuração tripartite**, desta vez para nos indicar a correlação existente entre: a *cibernética* (Wiener); a **teletransmissão** (Shannon e Weaver); e o **computador digital** (von Newman). Esses três dispositivos em seus aspectos *materiais e intelectuais*, conjugados, constituem o *dispositivo global da www*, permitem a problematização da noção de *navegação na www*, e conduzem a desenvolvimentos de alguns *ramos da cibernética*.

Por outro lado, o território expandido das *duas correntes teóricas antagônicas por reiteração do seu antagonismo* vai encontrar o rastro de sua formação na presença de Gregory Bateson (*biólogo* de formação, também dedicado à *psiquiatria, epistemologia e antropologia*, na qual é um nome de referência) e de Margareth Mead (*antropóloga*), também nesse conjunto das **Conferências de Macy**, constituindo o *núcleo de ciências humanas*. É ao seu trabalho conjunto e, especialmente à figura de Bateson, que se deve a disseminação das inovações teóricas das **Conferências de Macy** (do conjunto que

---

<sup>18</sup>Cf. WINKIN, Y. “Introdução: por uma antropologia da comunicação”. In *op. cit.* A noção de *nova comunicação* é comentada e justificada – em seus 50 anos de existência – por Winkin na introdução da publicação brasileira referida, a qual reúne textos de duas de suas publicações em francês. Esse livro só veio a participar do nosso repertório após a finalização do trabalho, preenchendo inúmeras lacunas de nossa pesquisa que procuramos minimizar durante a revisão do texto final. Por este motivo, indicamos sua leitura a quem se interesse pelo desenvolvimento de um pensamento alternativo ao modelo hegemônico do que conhecemos pelo nome de “comunicação”, bem como pela explicitação das vinculações históricas entre os estudiosos mencionados como membros do **Colégio invisível** ou **Escola de Palo Alto**.

se inicia em 1942) *nas Ciências Humanas e na Psiquiatria*<sup>19</sup>. Bateson chega a elas com bagagem teórico-metodológica e, depois delas, vai constituir um pólo de desenvolvimento igualmente importante para a *comunicação humana*.

Bateson e Mead haviam desenvolvido, juntos, um extenso trabalho antropológico, em que Winkin reconhece uma “renovação nos métodos de campo e uma concepção nova de apresentação dos dados”, bem como uma “visão teórica original da *cultura* e dos *processos de socialização*” em que procuram “cingir o problema da incorporação da cultura. *Como aprende a criança a se tornar um membro de sua cultura ao comer, andar, dançar, dormir?*”<sup>20</sup>. Antes ainda, Bateson havia publicado um trabalho que já registra sua procura por “técnicas adequadas de descrição e análise das *posturas humanas, dos gestos, da entonação, do riso*, etc.”<sup>21</sup>, pelo mesmo viés em que será desenvolvida pelo *Colégio Invisível*, bem como a criação de dois *modelos sistêmicos* para descrever e analisar processos de *desequilíbrio familiar*. Formulando o conceito de *cismogênese* – subdividido em *simétrica* e *complementar* – Bateson modeliza dois dos tipos de sistema dos quais a cibernética também vai tratar, resolvendo parcialmente a formulação do procedimento do sistema para manter-se em *equilíbrio*, por meio do *acoplamento* dos dois modelos de *cismogênese*<sup>22</sup>.

Na *Conferência de Macy* de 1942, portanto, e segundo avaliação do próprio Bateson 30 anos mais tarde, ele teria encontrado *o conceito que faltava para completar seu quadro de 1936*: o *feedback negativo*, que permite que o sistema volte à estabilidade por meio de “*autocorreções sucessivas*”<sup>23</sup>:

Gregory Bateson volta a participar das *Conferências de Macy* de 1946 a 1948, a partir de quando Bateson se estabelece no sul da Califórnia<sup>24</sup>, e temos um novo marco de sua importância para os *estudos da comunicação*: agora pelo viés da *psiquiatria* e não mais da *antropologia*, .continuando sua procura por uma

<sup>19</sup>Cf. também desenvolvimento do tema no capítulo 4 deste trabalho.

<sup>20</sup>Comentários sobre a importância de BATESON, G. **Balinese character**, 1942, cf. WINKIN, Y. p.38-39 inclusive notas de rodapé. Refere-se ao trabalho de campo realizado conjuntamente por Bateson e Mead de 1936 a 1939, incluindo 7 mil metros de filme e 759 fotografias, seguidos de período de seleção, com publicação em 1942, do qual Winkin mostra a seqüência de fotos de um tipo de interação afetiva entre mãe e bebê que virá a ser conhecida como *double bind*.

<sup>21</sup>BATESON, G. **Naven**. 1936. *apud*. WINKIN, Y., p. 38.

<sup>22</sup>Cf. *Id. ibid.*, p. 37 a 42.

<sup>23</sup>BATESON, G. 1977. *apud* WINKIN, Y., p. 42.

<sup>24</sup>Em 1948, em San Francisco, em 1949, em Palo Alto, no hospital psiquiátrico da Veterans Administration cf. WINKIN, Y. p. 43-44.

*teoria geral da comunicação* que, em aliança com os *princípios sistêmicos da cibernética*<sup>25</sup>, propõe que “a comunicação é a matriz em que estão engastadas todas as atividades humanas”<sup>26</sup>.

Nos anos 50, então, ele passa a ser uma das principais figuras, juntamente com Birdwhistell<sup>27</sup> da primeira geração de um outro grupo de estudiosos que – ao contrário das *Conferências de Macy* – não promoveram encontros regulares ou um simpósio, interagindo por meio de uma *extensa rede de relações pessoais, de formações acadêmicas e ambientes de trabalho parcialmente compartilhados, e do intercâmbio de trabalhos antes de serem publicados*<sup>28</sup>. Isto, somado à repercussão que seus trabalhos vieram a ter em campos do conhecimento como a *psiquiatria*, a *antropologia* e a *comunicação social*, fez com que o grupo viesse a ser identificado como *Colégio Invisível*<sup>29</sup>, também conhecido como *escola de Palo Alto*, pelo fato de alguns pesquisadores – dentre os quais Bateson – terem se instalado nessa pequena cidade no sul da Califórnia<sup>30</sup>.

Em torno da figura de Bateson – que já havia trocado a *antropologia* pela *psiquiatria* – encontramos nesse período uma *equipe de psiquiatras*; e em torno de Ray Birdwhistell<sup>31</sup> – *antropólogo* – vamos encontrar reunidos nomes conhecidos entre nós, embora de forma isolada: Edward T. Hall (desenvolve duas disciplinas: *kinésica* ou *cinésica* e *proxêmica* ou *prossêmica*), Erving Goffman (procura “furos na trama do *tecido social*”, “*bastidores*”; “*atitude em público*”). Nas décadas de 60 e 70 sua rede se amplia com uma *segunda geração*, passando a incluir nomes também significativos dessa escola, como Don Jackson e Paul Watzlawick (*psiquiatria*). Atualmente, na sua *terceira geração*, conta com Stuart Sigman (*antropologia*).

<sup>25</sup>WINKIN, Y., p. 43.

<sup>26</sup>BATESON, G. 1951, *apud* WINKIN, Y., p. 44.

<sup>27</sup>WINKIN, Y., p. 32. Também p. 14: interessantes os comentários sobre a dedicação de Birdwhistell ao tema.

<sup>28</sup>Cf. WINKIN, Y. “Introdução: por uma antropologia da comunicação”. In *op. cit.*

<sup>29</sup>Cf. WINKIN, Y. 29 a nomeação do *Colégio Invisível* se deveria a Derek de Solla Price (em 1963) e teria sido retomado por Diana Crane (em 1972), no entanto, Winkin anuncia uma problematização da noção de controle implícita na rede de conexões que dominam uma disciplina científica.

<sup>30</sup>WINKIN, Y., p. 28. Embora só *Palo Alto* tenha nomeado o reconhecimento da consensualidade do *Colégio Invisível*, Winkin menciona um outro pólo significativo também na *Filadélfia*.

<sup>31</sup> Cf. WINKIN, Y., p. 28-29., sobre o trabalho de Birdwhistell em *gestualidade e mímica*.

È justamente *quando e porque a teoria matemática da informação* de Shannon e Weaver começa a se tornar hegemônica nas reflexões teóricas sobre a *comunicação humana em geral*, que a primeira geração de antropólogos e psiquiatras dessa escola procura encontrar uma *teorização alternativa*. Uma vez que o modelo *linear da transmissão de dados* foi desenvolvido *pela e para a engenharia de telecomunicações*, Winkin lhe atribui o apelido de *modelo telegráfico*<sup>32</sup>, de modo a explicitar a diferença que o *modelo orquestral*, formulado e nomeado pelo *Colégio Invisível*, se propôs a estabelecer e que vem a ser um ícone da chamada *nova comunicação*.

No modelo orquestral, assim como os *instrumentos e músicos* de uma orquestra participam da *performance* de uma *peça musical* – *soando conjuntamente e percebendo-se mutuamente no decurso de suas ações* de modo a manter a *regulação de seu sistema* –, nossos *movimentos, gestos, entonações* participam de nossa *performance comunicativa* no interior de uma grande obra de cuja construção participamos: nossa *cultura*<sup>33</sup>. Podemos reconhecer a concepção do *timoneiro* com a qual explicitamos inicialmente o modelo sistêmico neutro, da *cibernética*, se pensarmos que cada *músico* em cada nota que emite *pode afastar-se da rota comum* e que, ao *perceber a si mesmo em relação a seus parceiros*, incorporando o *conjunto de sua sonoridade*, pode se autocorrigir de volta ao *rumo indicado pela partitura musical*.

É neste ponto que a interseção da figura de Gregory Bateson nos *dois importantes núcleos* de desenvolvimento das *teorias sistêmicas (Conferências de Macy e Colégio Invisível)* nos serve de rastro para a explicação da presença da *cibernética* e, por conseguinte, da noção de *ciborgue (tradução da forma reduzida, em inglês, de cybernetic organism)*, nos resultados de pesquisa sobre a *percepção da expressividade corpórea*.

Ou seja, *o estudo da expressividade corpórea* teve seu desenvolvimento no âmbito da *antropologia* e da *psiquiatria* profundamente atrelado à explicitação e disseminação do *pensamento sistêmico* desenvolvidas pela *teoria cibernetica*,

---

<sup>32</sup> WINKIN, Y., p. 28.

<sup>33</sup> Cf. WINKIN, Y., p. 30-34. Aqui apresentamos apenas o aspecto da multiplicidade de elementos comportamentais que participam da *nova comunicação*. No entanto outros dois fatores correspondem a problemas clássicos da filosofia e da antropologia são analisados por Winkin nesse trecho, em que procura esclarecer o que reconhece como um aparente paradoxo. Cf. também, Capítulo 4 deste trabalho.

em sua *contraposição conceitual à teoria matemática da informação* de Shannon e Weaver, embora o *pensamento sistêmico* esteja presente nos trabalhos *antropológicos* de Bateson – que é um ícone da primeira geração do *Colégio Invisível – anteriores* à conferência de 1942; a *matemática* tome parte nas *teorias sistêmicas*; e sua existência *anteceda* a formulação da *cibernética*.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a *cibernética* tem como *fonte* de seus dados a *vida* (ou a *natureza*), a partir da qual desenvolve a *biônica*<sup>34</sup>, a *protética*<sup>35</sup>, e a *robótica* em sua associação com o *computador digital*, que remonta a von Newman – segunda figura das *Conferências de Macy* –, para *imitar movimentos e ações dos corpos* como, por exemplo, *gestos de apreensão*.

No entanto, é necessário criar *dispositivos materiais e imateriais* que reunidos operem pragmaticamente sob a concepção do *feedback negativo*. Isto é, o *objeto protético ou biônico* precisa *incorporar* em seu *sistema operatório a informação do efeito de sua ação*, de um modo orientado para *regular seu sistema rumo ao equilíbrio, autocorrigir-se*. O grande desafio da imitação do *feedback negativo* para os ramos pragmáticos da *cibernética* pode ser entendido, por exemplo, no gesto de apreensão: o ato de pegar um objeto por uma *mão protética* pode ser ineficiente tanto por *não apertá-lo o suficiente* para efetuar seu deslocamento, quanto, ao contrário, por *esmigalhar o objeto*.

A ausência do fator de *feedback negativo* é, justamente, o que diferencia a lógica e as *próteses mecânicas* (que podem se desregular até se soltarem ou até se

---

<sup>34</sup>Biônica, do grego *bios* (vida), inicialmente associada à ordem da *biomecânica* e, mais tarde, à da *eletrônica*, mantendo sua sufixação comum. Cf. “<http://en.wikipedia.org/wiki/Bionics>” e capítulo final deste trabalho n. 36.

<sup>35</sup>Protética, um termo derivado do grego *prosthetics*: *pros* (somado a), *tithenai* (colocar) and *tics* (busca ou atividade sistemática). Literalmente, *prosthetics* seria a atividade sistemática de colocar uma coisa (um dispositivo artificial) em acréscimo a alguma outra coisa (uma parte do corpo)” Cf. <http://www.spotutah.com/glossary.asp>. Cabe notar que a tradução da composição grega do vocábulo significa apenas o acréscimo de uma coisa sobre outra, e que a associação de “dispositivo artificial” somado a “uma parte do corpo”, já é a explicação daquilo que um campo do saber, assim nomeado no nosso tempo, desenvolveu. A definição de *prótese* que se segue, então, já insere a idéia de que a coisa colocada – que se define apenas por não pertencer à coisa à qual vem a ser anexada – seja “um *dispositivo artificial* usado para repor (ou substituir) uma extremidade parcial ou totalmente ausente (ou perdida), comumente usado para referir-se a um membro artificial”. Cf. idem. No entanto, embora a disciplina da protética tenha se desenvolvido efetivamente no sentido que acabamos de mencionar, e se popularizado por seus avanços e contribuições para a medicina, a revisitação do sentido mais básico do vocábulo grego nos oferece o resgate de um sentido que propicia um campo semântico ligeiramente distinto, isto é, em que a “coisa acrescentada” não vem necessariamente “substituir” uma “coisa perdida”. Assim a prótese pode ser a colocação de qualquer acréscimo.(e Capítulo 6 deste trabalho).

comprimirem demais, mas nunca se autocorrigir) daquelas *cibernéticas*. Em desenvolvimentos posteriores, o *reconhecimento da fisionomia humana* e a *deteção de padrões da expressão de emoções* passam então a ser *objeto* desse campo de pesquisa, bem como a experimentação de sua *imitação*, especialmente na *robótica*<sup>36</sup>.

Retomando o núcleo comum entre a cibernética e os estudos da comunicação, podemos deduzir que, ao elevar os *elementos* que participam da *dinâmica das interações* do posto de *contexto externo* ao posto de *elementos intrínsecos à comunicação*, o *Colégio Invisível* e a *nova comunicação*, em um só gesto, **repudiam o primado da linguagem verbal**, denunciam a particularidade de sua *codificação em linguagem matemática*, e põem em xeque o pressuposto da *necessariedade de consciência e de volição para o estabelecimento da comunicação*, ao explicitar a participação dos seus *pressupostos metafísicos na importação do modelo telegráfico para a lingüística*, efetuada por Jakobson.

Aqui se instaura nossa *terceira configuração tripartite*, desta vez entre: *nova comunicação, neurociências cognitivas e do comportamento* (que também tem seu desenvolvimento atrelado à *cibernética*: instrumentos de medição dos fatores biológicos pela neurofisiologia) e *filosofia pós-estruturalista francesa*.

O problema fulcral da construção do *pensamento ocidental* formulado filosoficamente em torno da *consciência* e da *volição*, **no entanto**, não pode encontrar, *na filosofia* que o *problematiza*, os *dispositivos de observação e análise* necessários para responder à *empíria desses processos cognitivos*. Esses instrumentos e técnicas de observação e análise são desenvolvidos pelas *neurociências cognitivas e do comportamento*<sup>37</sup>, por meio de equipamentos e experimentos que utilizam *situações-limite da neurofisiologia humana* para isolar diferenças entre a *expressividade corpórea* decorrente de um *ato voluntário de expressão* e de *movimentos involuntários resultantes de emoções*. Há também experimentos que mostram os *limites da capacidade do sujeito observado em apreender e relatar suas próprias percepções e reações expressivas* durante uma interação. A discussão de um *caráter comunicacional* no âmbito *desse tipo de interação*, impossível de ser abordado por meio do reducionismo operado pela

---

<sup>36</sup>Portal unesco.

<sup>37</sup>Cf. subitem 1.2. deste trabalho.

*teoria matemática da comunicação* sobre a *comunicação humana em geral*, encontra sua formulação nos estudos da *nova comunicação*, desenvolvida pelo *Colégio Invisível*, e, com esta aliança, abre um campo para os estudos de uma diversidade de caracteres de comunicação incluindo a observação da tentativa de dissimulação da expressividade involuntária<sup>38</sup>.

A estratégia de *abordagem do conhecimento* que procuramos manter no decurso da elaboração deste nosso discurso é conhecida como *Desconstrução* e, em termos muito gerais, consiste em explicitar os processos pelos quais *noções* que nos parecem *naturais* foram *historicamente construídas* e têm *implicações profundas* no modo de estarmos no mundo, e de nos relacionarmos com o nosso entorno. É um procedimento que nasce no âmbito da *corrente filosófica* conhecida como *pós-estruturalismo francês*<sup>39</sup>, a mesma à qual nos remetemos para identificar o que anunciamos como *pressupostos metafísicos* embutidos na aplicação do *modelo telegráfico* ao âmbito da *comunicação humana*, pelo fato de compartilhar, com o **Colégio Invisível**, o questionamento da pressuposição da *consciência* e da *volição* no *processo comunicativo no seu sentido social*. No sentido mais amplo, *do modo de estar no mundo*, o *pós-estruturalismo francês* vai compartilhar com as *neurociências cognitivas* o desenvolvimento de *uma nova ontologia da realidade*, a partir da formulação de um *biólogo-cibernetista* que formula um modelo de *fechamento do sistema nervoso*<sup>40</sup>

Assim, concluímos nossa terceira configuração tripartite que vem fechar nosso diagrama teórico, o qual procuramos formular de modo coerente com os pressupostos desconstrucionistas e sistêmicos que abordamos em nossos conteúdos.

---

<sup>38</sup>Cf. JOHNSON, S. **Wide mind open**. Johnson, nesse trabalho, desenvolve uma análise de uma situação social em que simultaneamente os interlocutores tentam ocultar suas emoções a respeito do que o outro relata, quando as considera inadequadas, e tentam deduzir o que se passa na mente do outro a respeito do que perceberam de suas próprias expressões involuntárias, como um suave sorriso diante de uma notícia de um acontecimento ruim para o outro que, em algum aspecto, lhe causou prazer. A bem dizer, o estudo da dissimulação das emoções em sua expressividade corpórea remonta a Charles Darwin. Cf. DARWIN, C. **A expressão das emoções nos homens e nos animais**. É retomada por Paul Ekman em mais de três décadas de estudos dedicados as expressões faciais, de cujos trabalhos elegemos, pelo fato de tematizar explicitamente o aspecto comunicacional: EKMAN, P. **“Should we call it expression or communication”**.

<sup>39</sup>Cf. Capítulo 3 deste trabalho.

<sup>40</sup>Cf. Capítulo 4 deste trabalho.

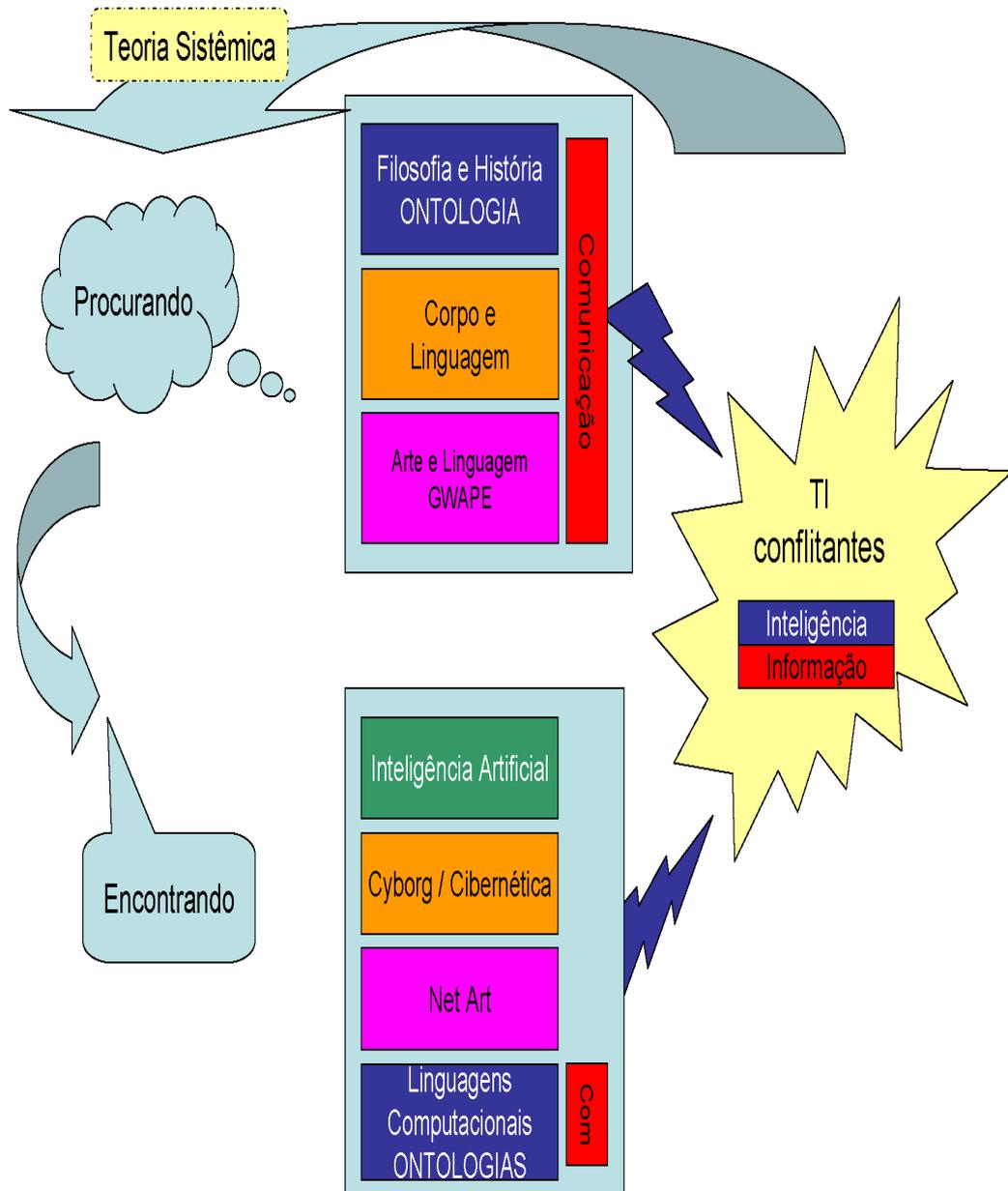


Figura 1